

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

# Abdulrazak Gurnah

## O DESERTOR



cavalo de ferro

# PRIMEIRA PARTE

# 1

## Hassanali

Corria uma história acerca da sua primeira aparição. Na verdade, havia mais do que uma, mas os elementos das várias histórias, com o tempo e ao passarem de boca em boca, fundiram-se num único relato. Em todas estas histórias ele surgia ao alvorecer, como uma figura lendária. Numa versão, era como um espectro que se deslocava tão lentamente sob aquela peculiar luz subaquática que a sua aproximação resultava quase imperceptível: avançava pouco a pouco, como o destino. Noutra, não se mexia sequer, nem um frémido, nem uma palpação; assombrava simplesmente os arrabaldes da cidade, de olhar brilhante e pardo, à espera, à espera de alguém cujo fado inevitável era topar com ele. Então, quando esse alguém aparecia, deslizava de encontro à pessoa a fim de cumprir desfechos imprevisíveis. Houve quem afirmasse tê-lo ouvido antes de ter sido avistado, ter ouvido o seu uivo implorante e nostálgico nas horas mais sombrias da noite, qual animal lendário. Incontestado – se bem que não houvesse um verdadeiro desacordo entre estas histórias, já que todas contribuíam para a estranheza da sua aparição – era ter sido Hassanali, o lojista, quem o encontrou, ou que foi encontrado por ele.

A sorte tudo bafeja, e também bafejou esta aparição, mas sorte não é o mesmo que acaso, e até os acontecimentos mais inesperados cumprem um desígnio. Ou seja, houve consequências futuras que tornaram menos accidental o facto de ter sido Hassanali quem encontrou o homem. Naquele tempo, Hassanali era *sempre* a primeira pessoa

na rua pela manhã, naquela localidade. Levantava-se antes da aurora para abrir as portas e as janelas da mesquita. A seguir, dos degraus, chamava os fiéis para a oração, projectando a voz em direcção a todos os cantos do largo em frente à mesquita. *Salla, salla*. Às vezes, de outras mesquitas vizinhas, a brisa transportava chamamentos como aquele, outros muezins que repreendiam quem ainda dormia. *As-salatu khayra minannawm*. Rezar é melhor que dormir. O mais certo era que Hassanali imaginasse os pecadores às voltas na cama, irritados por terem sido incomodados, e sem dúvida que experimentava uma satisfação virtuosa e indignada. Terminado o chamamento, varria a poeira e areia dos degraus da mesquita com uma vassoura de ramos de casuarina cuja eficácia muda lhe concedia um intenso prazer.

Esta tarefa de abrir a mesquita, de varrer os degraus, de chamar para a oração, fora auto-imposta, por razões só suas. Alguém tinha de o fazer, alguém tinha de ser o primeiro a levantar-se, a abrir a mesquita e a realizar o *adhan* para a primeira oração do dia, e havia sempre alguém que o fazia, por razões só suas. Quando essa pessoa adoecia ou se cansava da tarefa, havia sempre outra para a substituir. O homem que o precedera chamava-se Sharif Mdogo, e dois anos antes, durante a *kaskazi*, fora acometido por uma febre tão grave que continuava acamado. Que Hassanali se tivesse voluntariado para assumir as tarefas do muezim constituíra uma surpresa, e não menos para o próprio Hassanali. Não era um frequentador zeloso da mesquita e era preciso zelo para se levantar todos os dias de madrugada e arrancar as pessoas da cama. Sharif Mdogo era o tipo de homem que gostava de precipitar-se sobre a complacência e dar-lhe um valente abanão. Além do mais, Hassanali era um homem apreensivo por natureza, ou quiçá a vida o tivesse feito assim, o tivesse tornado ansioso e cauto. Aquelas incumbências seminoturnas torturavam-lhe os nervos e perturbavam-lhe as noites. Hassanali receava a escuridão e as sombras, temia as corridas apressadas pelas ruelas desertas. Mas depois havia também as razões que o tinham

feito voluntariar-se para semelhante tarefa, uma espécie de submissão e de penitência. Começara a desempenhá-la dois anos antes da manhã daquela aparição, aquando da chegada de Malika, a sua mulher. Havia sido uma súplica para que o casamento prosperasse, e uma oração para que o sofrimento da sua irmã acabasse.

A mesquita ficava a curta distância da sua loja, do lado oposto do largo, porém, quando se encarregou do *adhan*, sentiu-se obrigado a fazer como Sharif Mdogo, o seu antecessor, fizera. Percorria as ruelas adjacentes, berrando mais ou menos às janelas das casas pelas quais ia passando, para acordar quem dormia. Elaborou um itinerário que evitava os abismos e as cavernas onde se acoitavam as maldades mais umbrosas, mas nem assim era menos propenso a visões espectrais que se escapuliam para os recantos escuros da rua ao vê-lo acercar-se, enxotados pelas orações e palavras sagradas que ele pronunciava para exortar os fiéis adormecidos. Aquelas visões eram tão reais — garras monstruosas divisadas ao dobrar de uma esquina, espíritos contrariados que ofegavam com suavidade algures atrás dele, imagens de disformes criaturas subterrâneas que cintilavam e se esvaneciam antes que ele conseguisse discerni-las — que muitas vezes cumpria as suas tarefas a pingar suor, apesar do frescor do alvorecer. Uma manhã, durante uma das suas rondas ansiosas e transpiradas, quando as ruelas escuras o constrangiam como as paredes de um túnel acanhado, sentiu uma corrente de ar roçar-lhe o braço ao mesmo tempo que, pelo canto do olho, via a sombra de uma asa negra. Fugiu a sete pés, e depois disso decidiu pôr fim àquele tormento. Cingiu-se aos degraus da mesquita, a poucos passos do largo, para fazer o chamamento. Acrescentara a lida de varrer os degraus para se penitenciar, muito embora o imã lhe tivesse tido que o *adhan* era o suficiente e que Sharif Mdogo fora zeloso nos seus deveres.

Hassanali atravessava o largo naquela manhã quando viu uma sombra avançar na sua direcção. Aterrorizado, pestanejou e engoliu em seco, nada que não fosse já de esperar. O mundo fervilhava de mortos e aquela hora parda era o seu cói. Grugulejou, as palavras

santas colaram-se-lhe à garganta, o corpo abandonou-o. A sombra abeirou-se dele demoradamente e, à luz crescente da aurora, Hassanali acreditou ver nos olhos desta um brilho pético e desapietado. Era um momento que tinha já vivido na sua imaginação, portanto sabia que, assim que virasse as costas, o espírito malévolo o devoraria. Estivesse na mesquita e sentir-se-ia em segurança, já que se trata de um santuário impenetrável para qualquer demónio, mas estava ainda a alguma distância e não tinha aberto as portas. No final, sucumbindo ao pânico, cerrou os olhos, baluciante, implorou repetidas vezes o perdão divino e permitiu que os joelhos cedessem. Resignou-se ao que estava para vir.

Quando abriu os olhos, sem pressa, espreitando como se levantasse um lençol que o acoitara de um pesadelo, entreviu uma sombra no chão, a poucos centímetros dele, meio caída de lado e com um joelho dobrado. Então com o céu mais claro, percebeu que não se tratava de um espectro ou de uma sombra, ou sequer de um demónio, mas de um homem de tez pardacenta e olhos borralhentos, abertos de exaustão.

– *Subhanallah*, quem és tu? És humano ou espírito? – perguntou Hassanali, jogando pelo seguro.

O homem suspirou e gemeu à uma, e assim se anunciou, sem margem para dúvida, como humano.

Foi neste estado que ele chegou, exausto, desvalido, sem forças e com o rosto e braços cobertos de picadas e cortes. Ajoelhado na poeira, Hassanali tentou perceber se o homem respirava, e ao sentir na palma o seu hálito quente e forte, sorriu orgulhoso, como se fosse obra sua. O homem tinha os olhos abertos, mas quando Hassanali lhe acenou a mão à frente da cara, ele nem pestanejou. Hassanali teria preferido ver alguma reacção. Levantou-se cuidadosamente, incrédulo com o drama no qual se via entretanto enredado, e manteve-se de pé por um momento, sobranceiro à trouxa gemente, antes de correr a chamar ajuda. Alvorecera. O momento exacto da oração da manhã, um momento muito fugaz, estava prestes a ser ultrapassado,

e Hassanali não cumprira os deveres que dele se esperavam. Receava a ira dos fiéis matutinos quando acordassem e descobrissem que tinham perdido a primeira bênção do dia. Muitos desses devotos eram homens idosos que precisavam de manter as contas certas e em dia, não fossem ser chamados de súbito. Mas Hassanali também se devia ter recordado de que eles já não dormiam profundamente, que passavam as noites às voltas na cama, ansiosos pela madrugada e pela trégua que o chamamento à oração constituía. Assim, enquanto partia em busca de ajuda, incomodado pela ideia de que faltava às suas incumbências como muezim, algumas pessoas saíam já de casa para averiguar por que motivo não houvera *adhan*. Porventura algumas se apoquentassem com a saúde de Hassanali, ou temessem que alguma coisa se tivesse passado durante a noite. Houve, portanto, testemunhas desta primeira aparição do homem, gente que se reuniu à volta do corpo de olhos esbugalhados e que o viu tombado como uma sombra no largo em frente à mesquita.

Hassanali regressou com dois jovens que encontrara ainda estremunhados e arrimados contra as portas do café. Trabalhavam ali e, enquanto esperavam que o estabelecimento abrisse, desfrutavam de uns derradeiros momentos de tranquilidade antes da azáfama diária, mas dispuseram-se a ajudar quando Hassanali os despertou daquele quebranto. Antigamente, toda a gente gostava de ajudar. Chegados ao local da aparição, de afogadilho, no encalço dos passos cada vez mais presunçosos de Hassanali, deram de caras com três idosos que, a alguns passos do corpo, o observavam com um interesse metuculoso: Hamza, Ali Kipara e Jumaane. Eram os esteios das orações matutinas, durante as quais se postavam directamente atrás do imã, e também os primeiros clientes dos vendedores de café. Eram homens cujos melhores anos estavam já há muito no passado, homens sábios que esperavam que os sucessos das suas vidas fossem considerados imaculados e que se mantinham de olhos abertos, atentos ao mundo que os rodeava. De uma forma geral, não se maçavam com mais ninguém a não ser com eles mesmos, crentes de que a idade que haviam

alcançado justificava tal atitude. Portanto, não eram exactamente três homens idosos porque toda a gente os conhecia, embora, para a época e para o lugar, fossem idosos e as suas enfermidades concorressem para a sua dignidade e os seus modos intransigentes fossem talvez uma maneira de cumprir o que deles se esperava. Fosse por que razão fosse, ali estavam, simulando indiferença e fazendo comentários fortuitos enquanto os jovens e Hassanali se atarefavam. Hassanali abriu a mesquita e os jovens foram buscar a padiola de corda, a que era usada para lavar os mortos. Hassanali franziu o sobrolho, mas não disse nada. Os jovens puseram o corpo gemente na padiola e prepararam-se para o levar dali.

De repente, houve uma breve disputa entre Hassanali e Hamza a propósito do lugar para onde o enfermo devia ser levado. Hamza era um homem imponente, não obstante a sua idade, senhor de um rosto enrugado, áspero, e de uma barba grisalha e um olhar intenso. Em tempos, havia sido um próspero comerciante de *simsim*, mas agora era apenas rico. Os filhos ganhavam dinheiro para ele explorando um açougue em Mombaça. Era miudinho quanto ao respeito que lhe era devido, e apreciava ser consultado sobre qualquer assunto, por mais insignificante que fosse. Gostava de ser tratado como uma espécie de *jamadar* informal, um oficial militar. Nos seus anos áureos, Ali Kipara fora cesteiro e Jumaane havia sido pintor de casas, por isso ambos sabiam o lugar que ocupavam perante o *jamadar*. Rabugento e impaciente, Hamza começou a afastar-se e ordenou aos jovens que o seguissem. Era óbvio que, tendo sido Hassanali quem o encontrara, cabia-lhe a ele o dever moral de ajudar o homem exausto, de lhe prestar cuidados e de lhe oferecer hospitalidade. Hamza sabia-o tão bem quanto os restantes, mas talvez tenha agido daquela maneira para que ninguém esquecesse que era um homem rico para o qual tais gestos caridosos constituíam uma obrigação.

Fosse como fosse, toda a gente fingiu educadamente ignorar Hamza, até mesmo os dois outros sábios, e o homem foi transportado adequadamente na padiola de corda para a loja de Hassanali.

A porta do pátio contíguo, que servia também para aceder à casa, era demasiado estreita para a padiola, portanto os dois jovens pegaram no homem e carregaram-no para o pátio, tendo-o depositado numa esteira sob o toldo de colmo apenso à casa.

Os três velhos devotos encatrafiam-se igualmente no pátio e lançaram olhares rápidos a todo o redor. Não havia muito para ver, contudo, nunca tendo estado no pátio de Hassanali, nenhum dos três foi capaz de reprimir a curiosidade, não obstante a gravidade do momento. Era um pátio espaçoso, a todo o comprimento da casa. Havia plantas em vasos, duas janelas com cortinas, uma de cada lado da porta da entrada, uma superfície pavimentada destinada à lavagem da roupa, uns quantos fogareiros a carvão e, numa das extremidades do pátio, uma casa de banho e uma latrina: um pátio comum. Podiam ter também reparado nas paredes recentemente caiadas e na opulência das plantas envasadas, entre elas uma roseira vermelha, uma alfazema em flor e um aloé coberto de picos.

O grupo de seis manteve-se à volta do corpo, em silêncio por um momento, como que surpreendidos com o modo como tudo se passara. Seguiram-se várias opiniões, enunciadas uma a seguir à outra, quais compromissos, quanto ao que deveria ser feito. Devíamos chamar Mamake Zaituni, a curandeira. E alguém devia ir chamar o Partepernas. Eu acho que seria melhor alguém ir chamar já o imã, não vá ser preciso entoar orações especiais contra o contágio ou coisa pior. A sugestão partiu de Hamza, atento como sempre aos gestos grandiosos. Com um aceno de cabeça, Hassanali aceitou todas as sugestões e apontou a porta ao grupo. Partiram, com relutância, mas não tinham escolha. Apenas o drama daquele homem que gemia estendido na esteira permitira a sua presença na intimidade da casa de Hassanali, portanto bastou-lhe afastar os braços e acená-los devagar para que toda a gente se virasse na direcção da porta do pátio.

– Obrigado, obrigado a todos. Podiam pedir a Mamake Zaituni que venha até aqui? – perguntou ele, e pôs-se assim ainda mais em dívida para com os vizinhos.

– Sem dúvida – respondeu Hamza, o mercador, no seu tom presunçoso, e apontou a bengala a um dos jovens. – Vai lá tu, asinha, está aqui a vida de uma pessoa em causa.

Foram feitas sugestões de última hora. Não lhe toques até Mamake Zaituni chegar. Não lhe tocarei. Não o desloques até o Partepernas chegar. Não o deslocarei. Se precisares de ajuda... Chamarei. Hassanali fechou a porta do pátio sem correr o ferrolho – não queria parecer demasiado inospitaleiro – e voltou para junto do viajante deitado na esteira sob o toldo. De repente, sentia-se de pé atrás, inquieto por estar sozinho com o homem, como se tivesse permitido que um animal selvagem se aproximasse em demasia. Quem poderia ele ser? Que tipo de homem deambulava sozinho por zonas remotas? Lembrou-se então de ter perguntado ao homem, quando ele jazia no chão: *Quem és tu?* O barulho sem dúvida que despertara a sua mulher e a sua irmã, que estariam provavelmente já levantadas e atrás das cortinas, à espera de sair para se inteiraram do que se passava. De súbito, receou ter feito um disparate ao trazer aquele desconhecido enfermo para casa. Estremeceu de ansiedade perante tal pensamento.

Observou o homem com um sorriso espantado. Que fazia um estranho, que se ferira algures num lugar ermo, em cima de uma esteira no seu pátio? Podia muito bem ser um cavalo voador ou uma pomba falante. Coisas daquelas não lhe aconteciam. Ainda lembrava o terror que sentira quando, ao ver a sombra do homem pela primeira vez, a tomara por um demónio hediondo. Muitas coisas o assustavam, embora fosse um homem feito. Por vezes, a vida atormentava-o tanto que via sombras por todo o lado. Àquela hora incerta, entre a escuridão e a luz, entre o mundo dos mortos e o dos vivos, podia ser sabe-se lá o quê, malicioso e terrível, mas talvez não tivesse caído desamparado no chão como acontecera ao desconhecido. Se fosse um espectro, teria sorrido antes de se lhe pulverizar a alma. Já o sorriso de Hassanali destinava-se tanto à sua tímida e débil pessoa quanto ao homem a seus pés. Pois não se tratava de um espectro e nem era mais horroroso que qualquer outra pessoa. Tinha um ar exangue

e o rosto coberto de pêlo grisalho e desgrenhado. Os seus olhos continuavam abertos, remelentos e cegos, se bem que Hassanali tenha ficado com a impressão de os ter visto pestanejar. A respiração, superficial, ligeiramente arquejante, deixava entreouvir um gemido, quase inaudível. Tinha os braços arranhados e picados. A túnica de calicô que vestia por cima das calças estava cinzenta de poeira e uso. Rasgada e cerzida, enodoada e manchada, fora sem dúvida adquirida durante as suas deambulações, e não trazida de onde quer que ele partira; ninguém encetaria uma viagem naqueles preparos. As sandálias estavam presas com tiras de tecido e, à volta da cintura, à guisa de cinto, trazia o que restava de uma camisa castanha. Outra faixa do mesmo tecido cingia-lhe a testa. Hassanali sorriu perante o aspecto melodramático daquele traje, que lhe dava a aparência de um aventureiro perdido num deserto, ou de um combatente. Semelhante pensamento causou-lhe um nó no estômago. E se tivesse trazido um bandido para casa, um salteador que os mataria a todos? Mas não, o homem estava meio-morto, talvez ele mesmo vítima de bandidos.

– Quem é? – perguntou-lhe a irmã Rehana, atrás dele.

– Está ferido – respondeu, e olhou em redor. Deu-se conta de que sorria ainda, um pouco entusiasmado.

Na soleira da porta, Rehana segurava a cortina aberta com o braço esquerdo. Acabara de acordar, como Hassanali percebeu pelo seu olhar estremunhado, pela aspereza na voz. Deu três passos em frente e escrutinou o homem, que tinha os olhos abertos, a brilhar como seixos pardos em água salgada. Crepusculares. Viu então o inegável pestanejar. Os lábios rachados mantinham-se abertos no meio de um gemido. Rehana bateu de imediato em retirada e por um momento fugaz ocorreu a Hassanali a esperança que encheria o coração da sua irmã.

– Que foi que nos trouxeste, estimado amo? – perguntou-lhe ela, num tom zombeteiro.

Hassanali encolheu-se involuntariamente. Um dia que começava com aquela voz revelava-se o mais das vezes longo e humilhante. Fechou os olhos com força por um segundo, para se preparar.

– Está ferido – tornou, e virou-se para ela.

Rehana tinha uma expressão azeda, o maxilar cerrado. Hassanali sentiu o corpo retesar-se de aversão. Viu-a erguer milimetricamente o queixo, ofendida, e percebeu que a irritação dele fora notória. Contudo, vira também nos olhos dela a dor, a despeito da raiva, por isso suavizou a sua expressão. Talvez estivesse zangada por ter sido perturbada. Gostava de dormir até mais tarde. Ainda assim, tinha um homem tombado aos pés, quiçá a morrer, e a única coisa com que se ralava era com o seu sono. Nesse momento, a sua esposa, Malika, esgueirou-se por entre a moldura da porta e o ombro direito de Rehana e deixou escapar uma exclamação compassiva e horrorizada, que tratou de silenciar levando a mão à boca. Hassanali sorriu para si mesmo, aquela bondade.

– Ei, espera! – exclamou Rehana, que travou Malika quando esta se preparava para dar um passo em frente. – Mais devagar. Quem é este homem? Onde o encontraste? Que se passa com ele?

– Não sei – disse Hassanali, no tom conciliador e calmo que usava com Rehana quando ela se irritava, e que por vezes a irritava mais. Não sabia falar-lhe de outra maneira, sobretudo quando não era capaz de responder às suas perguntas. Mesmo quando tinha uma resposta para lhe dar, o desdém de Rehana fazia-o duvidar e dissimular. A sua hesitação naquele momento mostrava, até mesmo a ele próprio, que fora crédulo uma vez mais. – Veio dali. Está ferido.

– Dali de onde? De que direcção? Ferido pelo quê? Qual é a doença dele? – perguntou Rehana, com um olhar de incredulidade e desprezo. Hassanali conhecia bem aquele olhar e gostava de lhe poder dizer que lhe desfeava o rosto, atraente e agradável. Porém, nunca aprendera a dizer-lhe aquelas coisas sem piorar a situação. – Que foi que nos trouxeste, tu e os teus disparates? Um homem doente aparece sabe-se lá de onde, sofrendo de sabe-se lá que doença, e tu

trá-lo para nossa casa para que morramos todos do que ele estiver a morrer? És um homem de negócios, claro. És um homem do mundo, sem dúvida. Tocaste-lhe?

– Não – disse Hassanali, surpreendido por não o ter feito. Olhou de relance para Malika e ela baixou os olhos. Era tão bonita, tão descomplicada, tão jovem. Sentiu uma espécie de agonia ao olhar para ela, qualquer coisa entre ciúme inquieto da devoção que ela mostrava e desejo de lhe agradecer. – Os jovens pegaram nele e trouxeram-no para aqui. Mas tens razão, não pensei em doenças. Achei apenas que ele estava ferido. É melhor não lhe tocarmos até que Mamake Zaituni o examine. Já a mandei chamar. Malika, mantém-te afastada dele, como a Rehana disse.

– Olha, agora estás cheio de sabedoria – comentou Rehana, com sarcasmo e lassidão. Depois, de olhos postos no homem jazente, e baixando o tom de voz como se não quisesse mostrar-se descortês, acrescentou quase num sussurro: – Deitaste-o na esteira sobre a qual comemos. Onde tinhas a cabeça para trazer um desconhecido para casa, sem saber o que se passa com ele? Pode muito bem morrer – e, ainda mais baixo, acrescentou – e os familiares dele virão pedir-nos contas.

– Não esperavas que fosse deixar um filho de Adão entregue ao seu sofrimento, sem lhe oferecer ajuda e amabilidade – protestou Hassanali.

– Ah, claro, já me esquecia que és um homem de Deus – ripostou Rehana, com ligeireza e sorrindo até. – Da próxima vez, leva-o para a mesquita, e Deus que olhe por ele. Suponho que devemos ficar gratas por não nos teres trazido um selvagem infecto. Alguém foi chamar Mamake Zaituni?

Há anos que Rehana o tratava como se ele fosse um imbecil. Nem sempre assim fora. Havia sido ao tornar-se mulher que começara a falar com ele como se ele fosse lento de compreensão ou um incapaz. De início, achara aquilo divertido, Rehana a brincar a ser adulta, de conluio com a mãe, que se tornara rabugenta com a idade

e a viuvez. No entanto, ele labutava dia e noite para preservar a honra da família e pôr comida na mesa. Era mais uma coisa que nunca se atrevia a dizer, que se matava a trabalhar e que em agradecimento elas censuravam a sua incompetência face ao mundo. Com o tempo, Rehana endurecera a sua atitude de desprezo e Hassanali resignara-se inevitavelmente a ela. Não sabia que mais fazer. Não fora apenas o tempo que a tornara desdenhosa. Não, não fora. Azad e Hassanali tinham a sua quota-parte de culpa nisso. Às vezes, a voz de Rehana ressoava-lhe no corpo e vinham-lhe aos olhos lágrimas de impotência.

– Sim, alguém já a foi chamar – respondeu ele. Deitou um olhar rápido a Malika, que lho devolveu, antes de o desviar. – Há café feito? – perguntou-lhe ele, para falar com ela e escapar a Rehana.

Malika fez que não com a cabeça.

– Vou já fazer – disse ela, e, descrevendo um arco exagerado, contornou o corpo gemente para alcançar os fogareiros.

Na loja, durante as horas mais lentas, quando se fartava de rezar as contas do rosário para matar o tempo, Hassanali deixava-se asoberbar pela ansiedade que o assaltava pela calada e que ameaçava sufocá-lo. Estava relacionada com assuntos imprevisíveis e, com frequência, insignificantes. Nesses momentos, um pequeno nada repisado durante demasiado tempo tomava proporções grandes e perturbadoras, e uma dessas coisas era o receio de que a aceitação de Malika se transformasse um dia em desdém.

Rehana acomodou-se num banco junto à porta das traseiras, para aguardar a chegada de Mamake Zaituni, e encostou-se à parede com um suspiro. Hassanali virou-lhe ligeiramente as costas. Reprimia sentimentos de culpa, que tendia a aceitar com demasiada prontidão. Devia ser mais insensível àquelas acusações tácitas. Arrimou-se ao pilar do toldo e contemplou a pardusca trouxa humana que trouxera para casa. Recordou o prazer de o ter ali no seu pátio e sorriu ao pensar em Hamza a tentar roubá-lo. Hamza não resistia a esse tipo de coisas; a competição e a ostentação em

primeiro lugar. Teria Hamza tentado roubar o desconhecido se este fosse um selvagem infecto como Rehana dissera? Decerto que não. Não faltavam a Hamza ideias a propósito dos selvagens, por entre os quais viajara na juventude e com os quais comerciara: quão imprevisível era a sua ira, quão imprudente a sua avidez, quão incontroláveis os seus apetites. Uns animais. Teria o próprio Hassanali levado tal criatura para casa? Esse pensamento fê-lo sorrir. É claro que não. Os selvagens aterrorizavam-nos a todos. Toda a gente passava a vida a contar histórias acerca dos selvagens. Ninguém sobrevivia no meio do mato, à excepção das feras e dos selvagens, que nada temiam, assim como obviamente os fanáticos Hubsh, Somalis e Abissínios, e seus parentes, que, no meio das suas querelas intermináveis, há muito haviam perdido a razão. Deitou uma vista de olhos a Rehana e constatou que ela reparara no seu sorriso. Já bem desperta, abanou lentamente a cabeça, num gesto reprovador.

– *Masikini* – desdenhou ela. – Pobre de ti.

– Estava a pensar em Hamza – explicou ele. – Queria levá-lo para casa dele. Aquele velho quer ser sempre o primeiro.

– E tu impediste-o, não me digas? – respondeu ela, fingindo-se espantada.

Nesse momento, ouviu-se alguém chamar por cima do muro do pátio. Mamake Zaituni chegara. Quando Hassanali abriu o portão, constatou que os velhos magos se tinham acomodado na padiola de corda a assistir ao que se passava, e que, atrás de Mamake Zaituni, os dois jovens pareciam fazer de seus guarda-costas. A curandeira apressou-se a entrar, minúscula e incansável, recitando orações num murmúrio constante, como se desbobinasse a sua vida. Hassanali não esperava aquela multidão à sua porta. Enxotou-os com um gesto ambíguo, para o caso de se ofenderem, e fechou portão, correndo em seguida o trinco.

– Está tudo bem aí? – Era Hamza, fazendo-se ouvir por cima de toda a gente, como de costume. Hassanali tornou a abrir o portão para pedir silêncio e ficou satisfeito ao ver que os três idosos já

estavam de pé e que os dois jovens, tendo pegado na padiola, se preparavam para ir embora. Disse-lhes adeus e fechou rapidamente o portão.

– Hassanali, quando é que abres a loja? – indagou Jumaane, por cima do muro. Queriam vê-lo o mais depressa possível, para que os pusesse ao corrente do que se passava.

– Vou já, meus irmãos – gritou ele, de volta.

– Vamos rezar – referiu Ali Kipara, talvez para tentar que Hassanali se juntasse a eles.

Mamake Zaituni beijou as mãos de Rehana e de Malika, se bem que não tenha realmente permitido que elas retribuíssem o gesto. Era um truque a que recorriam os humildes: beijar a mão do outro e esconder a própria antes que o beijo pudesse ser devolvido. Era a sua maneira de mostrar humildade para com os mais humildes, e dizia-se que tal era uma faceta da sua santidade e uma das razões por que Deus lhe concedera o dom da cura, tal como anteriormente o concedera ao seu pai. Salmodiando orações entre dentes, despiu o *buibui* e dobrou-o com esmero, como se fosse da mais fina seda, perfumada com incenso de sândalo, e não do algodão mais puído, impregnado de fumo de lenha e gordura. O velho xaile que lhe cingia a cara chegava-lhe aos pulsos, de tal maneira que só as mãos e o rosto vincado eram visíveis. Descalçou as sandálias, avançou para a esteira e, sem lhe tocar, contornou o homem, descarnada e dobrada sobre ela mesma, como uma ave de rapina. Entoou uma oração, em busca de auxílio e protecção contra o desconhecido. A seguir, pediu a Rehana e a Malika que fossem para dentro, para conceder algum decoro ao homem, alegou ela. Expressiu-se num tom áspero, irritado, como se as duas mulheres se tivessem ali detido em busca de um qualquer prazer indevido. Era sempre assim, brusca e resoluta, sempre atenta ao que era digno e respeitável.

Rehana bufou de impaciência, mas não se opôs. Aquela combinação de humildade e brusquidão tornava Mamake Zaituni irrefutável e, além do mais, tinha sempre a presença de espírito necessária

para saber qual a melhor maneira de agir. Sem deslocar o homem, rasgou-lhe a túnica com o gume de uma lâmina, do colarinho aos tornozelos. Tinha a pele clara, como os Europeus. O corpo era magro e ossudo, e parecia frágil e estranho sob a luz que ia clareando. De início, Hassanali tomara-o por um daqueles árabes de pele clara oriundos do Norte, dos quais ouvira falar, de olhos cinzentos e cabelo dourado, mas quando lhe descalçaram as sandálias e despiram as calças, viram que era circuncidado. «*Mzungu*», disse Mamake Zaituni para si mesma. Um europeu. Exibia contusões e cortes na pele, mas não lhe viram feridas, nem nos flancos nem na parte da frente do corpo. A barriga, estranhamente pálida e macia, parecia fria e morta, e as mãos descarnadas de Mamake Zaituni pairaram com hesitação sobre essas partes. Hassanali viu nos gestos dela uma mistura de fascínio e terror, como se ela lhe tocasse por curiosidade. Eram as mesmas mãos incansáveis que amassavam o pão que Mamake Zaituni fazia e vendia todos os dias, as mesmas mãos que o enrolavam e punham na chapa de ferro, e que depois o tiravam sem se queimarem. As mesmas mãos que massajavam um rim inflamado ou enfaixavam uma perna a sangrar ou se precipitavam sem hesitar na agonia humana. Pairavam sobre a barriga pálida do homem naquele momento.

Puseram o homem de lado. Ele gemeu e abriu os olhos, e Hassanali ficou à espera que dele emanasse um cheiro pestilento, mas o homem cheirava apenas a carne seca e a pó, a trapos deixados ao sol demasiado tempo, a viagem. Estaria perdido há vários dias, sem dúvida, a julgar pelo ar famélico e pelo cheiro a poeira e a sol. As costas exibiam mais hematomas e cortes, e tinha uma sombra verde-escura em redor do ombro direito, mas, uma vez mais, não lhe encontraram nem feridas abertas nem sangue. Tornaram a deitá-lo de costas e Mamake Zaituni tapou-o com a túnica cortada e chamou as mulheres. Apalpou-lhe a cara e ele gemeu novamente e abriu os olhos remelentos.

– Dêem-lhe água quente com mel – ordenou ela, no seu costumeiro tom brusco. – Uma parte de mel, três de água, numa chávena

de café. — Olhou de relance para Rehana e desviou o olhar, por pouco reparando nela. Rehana devolveu-lhe o olhar com um sorriso escarminho. Eu não, imaginou Hassanali que ela tivesse pensado. — Depois deixem-no dormir. Não tem nada de grave. Está exausto e sequioso, isso é certo. Tem um hematoma feio na zona do ombro, portanto poderá haver ali uma fractura ou uma luxação. O Partepernas que se ocupe disso. Vou acabar de cozer o meu pão, já deve haver gente à espera. Depois logo lhe trago uma sopa.

— Então, ele não tem nenhuma doença? — indagou Rehana, céptica.

— Não vejo sinais disso — disse Mamake Zaituni. — Não tem febre, nem erupções, nenhum odor que inspire desconfiança ou diarreia. O sol desidratou-o e deixou-o estonteado. *Limem kausha na kumtia kizunguzungu*. Volto mais tarde, depois de lhe terem dado o mel, e depois de o Partepernas o examinar. Agora, o meu pão espera-me.

Dir-se-ia que as mulheres já não precisavam de Hassanali. Trocavam apressadamente instruções enquanto Mamake Zaituni se preparava para sair. Com relutância, Hassanali rumou à loja. Contava que o homem falasse ou olhasse para si ou na sua direcção. Não lhe parecia certo deixá-lo a cargo de outras pessoas, tendo sido ele a encontrá-lo, mas o homem permaneceu mudo, pelo menos até Hassanali ter finalmente entrado em casa para ir abrir a loja.

— Chamem-me, se precisarem de ajuda — instruiu ele. — E tu, Malika, não te esqueças do meu café.

— Sim, meu amo — respondeu Malika, parodiando um gesto de submissão.

E foi desta maneira que o inglês Pearce chegou, causando sensação e provocando um drama do qual nunca se apercebeu totalmente.

Hassanali era um homem pequeno. Via-se como pequeno e um pouco ridículo aos olhos dos demais, rotundo e gordalhufo. Assim que a galhofa começava, suportava calado a torrente de piadas e graçolas para evitar problemas. Vivía naquele estado de timidez egocêntrica,

sempre à espera de zombaria e sendo dela alvo, inevitavelmente. Era incapaz de disfarçar a ansiedade e quem o conhecia desde sempre sabia disso, e troçava disso. Atribuíam este traço à sua *jinsi*, à sua ascendência. Os Indianos são cobardolas, diziam, nervosos como borboletas saltitantes. O seu pai não era timorato. Fora um jovem impetuoso, que cantava e dançava e corria as ruas com quem quer que fosse, e era ele o indiano na sua ascendência. Deus fizera-o assim, nada que ver com a *jinsi*, e quem era ele para contestar tal facto? *Alhamdulillah*. Mantinha os olhos abertos, para se precaver de sarielhos, e isso era o melhor que podia fazer, na sua opinião. Com o passar dos anos adquirira um maior discernimento acerca das pessoas com as quais vivia, se bem que tal nem sempre o mantivesse ao largo de problemas. Encarava a troça com bonomia, fazia de conta que não era escorada por malícia, apenas por boa-disposição e por uma camaradagem rude. Com o passar dos anos, adquirira também uma certa sobranceria em relação aos clientes e vizinhos, a despeito da sua evidente insegurança. Era um homem pequeno, sem dúvida, mas astuto, um lojista, profissão que inevitavelmente exigia que iludisse os fregueses, que os levasse a pagar mais do que estariam dispostos a desembolsar, a dar-lhes menos do que eles gostariam de receber. E tudo isto ele tinha de fazer com mesura, nada muito ostensivo ou espalhafatoso. Quando ouvia falar das manhas e estratégias usados por outros comerciantes e dos proveitos que daí retiravam, um misto de terror e inveja, ao pensar no risco que corriam, apoderava-se dele e fazia-o estremecer. Portanto, as pessoas riam-se dele e ele fazia-as pagar, ao menos um pouco. Um toma-lá-dá-cá inerente ao trabalho, na sua opinião.

Por vezes, achava que se riam dele porque se apercebiam do prazer que ele retirava dessa minúscula vantagem. Acontecia-lhe desejar ser uma outra coisa, como padeiro ou carpinteiro, uma coisa útil. Mas não era; era lojista, como tantos outros. O pai havia sido lojista, e o seu filho, quando o tivesse, lojista seria. Eram gente pequena.

Ao abrir a loja naquela manhã, havia já três clientes à espera. O facto enervou-o, muito embora um deles fosse apenas uma criança e os outros dois os jovens que tinham carregado o europeu ferido para sua casa e que aguardavam um agradecimento. Estivemos este tempo todo à sua espera, disseram os jovens, e agora de certeza que chegaremos tarde ao trabalho. Tinha por hábito abrir a loja sem pressa, de regresso das orações matutinas, sem ninguém por espectador. Era uma operação complicada. A frontaria comportava uma série de pranchas, dezoito ao todo, cada qual com dois palmos de largura. Tirou as duas primeiras e atendeu a criança. Uma colherada de *ghee* e cumprimentos lá em casa. Aos jovens deu dez anás a cada um. Aceitaram o dinheiro, mas ficaram onde estavam, plantados à frente dele, reprimindo um sorriso. Eram bons rapazes, Salim e Babu. Também eles, em tempos, tinham ido ali à loja fazer recados para as mães, como o rapaz ao qual vendera a colherada de *ghee*, e o mais certo era que viessem a ser seus clientes para o resto da vida. Deu mais dez anás a cada um, e depois mais dez, antes de eles se decidirem a ir embora, satisfeitos com a maneira como o tinham forçado a ser generoso. Era porque toda a gente o achava mais rico do que ele era, e por isso tomavam a sua frugalidade por avareza. Era horrível passar por sovina, pecar por desobedecer à ordem divina de que os prósperos fossem generosos com os necessitados. As pessoas estavam sempre a entregar os seus parques anás e rupias ao lojista, que passava o dia e a noite com o traseiro em cima das sacas de produtos ambicionados, por isso presumiam que a única coisa que ele fazia era arrecadar dinheiro. Isto se dizia dos lojistas, que viviam como pobretanas e escondiam a riqueza num buraco, no quintal.

Hassanali retirou, um a um, os dezasseis painéis restantes e empilhou-os junto à parede da loja. Em seguida, tirou os batentes munidos de dobradiças e apoiou-os na plataforma composta pelos painéis antes de dispor a mercadoria nos lugares habituais. Por fim, instalou-se no meio da variedade de recipientes que continham o óleo, a *ghee*, as especiarias, por entre os cestos de lentilhas, grãos

e tâmaras, e as sacas de arroz e açúcar. Tudo aquilo demorava tempo. Terminada a tarefa, os seus pensamentos regressaram ao café que Malika lhe prometera, talvez a acompanhar um pão doce ou um pedaço de pão. Pensou também no homem deitado sob o toldo, no seu quintal. Sentiu a habitual inadequação. Que tipo de homem se poria a vaguar pelo mato a milhares de quilómetros de casa? Seria tal coisa um acto de coragem ou de inconsciência? Que havia ali que fosse melhor do que o que ele deixara para trás? Hassanali não imaginava um impulso que o levasse a *ele* a encetar semelhantes deambulações. Teria sido um disparate deixar um homem desconhecido, sem voz ou nome, na casa onde viviam a sua irmã e a sua mulher? Se ele se tornasse violento ou tentasse o impensável, a negligência de Hassanali seria imperdoável. Na soleira da porta que separava a loja da casa, chamou Malika.

– Chega aqui, depressa, depressa.

– Vou já, levo-te o café – respondeu ela numa voz abafada pelas sacas e caixas que ladeavam o corredor.

– Despacha-te – chamou ele, com urgência, se bem que a resposta dela o tivesse tranquilizado um pouco. Não soara aterrorizada, mas ainda assim Hassanali queria que ela se aviasse, para lhe dizer que se acautelasse, para a alertar contra o mundo. – Há novidades? – perguntou ele, ao vê-la aproximar-se com uma cafeteira e um pão de milho-painço embrulhado num pano. – Que se passa?

– Parece que, afinal de contas, o desconhecido é um demónio que tomou a forma de um homem – disse Malika, junto à soleira, com a cabeça descoberta e os olhos arregalados. – Assim que bebeu a água com mel que a Rehana lhe deu, transformou-se num *rukḥ* e está agora empoleirado no telhado à espera que um de nós caia morto para lhe roubar a alma.

– Não digas disparates – reclamou Hassanali, que até gostava bastante que Malika o atazanasse. – Não pode ser um *rukḥ*. Já te disse que um *rukḥ* tem nome, mas não tem corpo, e por isso não pode empoleirar-se num telhado. – Além do mais, o *rukḥ* é o espírito

indestrutível que abandona o corpo após a morte, não o ladrão de almas. O *mzungu* que tinham no quintal era um corpo sem nome, logo, não podia ser um *rukhi*. Ela estava-se pouco marimbando e repetiu o que dissera, só para o abespinhar. Metia-se muito com ele quando estavam sozinhos. Um dos seus jogos secretos consistia em Malika repreendê-lo enquanto ele se desfazia em desculpas e carícias. A sua vida transformara-se desde a chegada de Malika.

– Então, que achas que está a acontecer? – indagou ela. – O *mzungu* está ali estendido, a gemer e a bebericar a água que a Rehana lhe vai dando, e baba-se e arrota como um bebé. O Partepernas veio agora mesmo e está a examiná-lo. Não vale a pena inquietares-te por nada.

– Não estou a inquietar-me por nada – alegou ele, de sobrolho franzido, tentado a recordar-lhe que tinha quase o dobro da sua idade e que ela devia mostrar mais respeito. Hassanali não desejava mais respeito, apenas que ela não se fosse já embora. – Queria ter a certeza de que estavas bem. Tardavas em trazer-me o café, e não sabemos quem é aquele homem. Interrogava-me o que se passaria.

– O homem está ali estendido, mais morto que vivo, meu amo. Hassanali assentiu com a cabeça.

– E que diz o Partepernas? – quis saber.

– Ainda não disse nada, e quando o fizer não será a nós – respondeu Malika, e acrescentou com um sussurro: – É um velho assustador.

– Toma cuidado – aconselhou Hassanali, e dispensou-a com um aceno. Vira um cliente aproximar-se. – E diz ao Partepernas que venha falar comigo antes de fazer o que quer que seja.

Partepernas era o endireita, e adquirira esta alcunha, bem como uma temível reputação, porque frequentemente fixava mal o osso após uma fractura. Acontecia ter de quebrar o osso novamente para depois o endireitar. Assim sendo, cair nas mãos do Partepernas podia tornar-se uma pequena tragédia. Receosos de terem de recorrer aos seus préstimos, os pais tremiam quando os filhos caíam. Não havia mais ninguém que soubesse como consertar ossos. Hassanali esperava que o pobre *mzungu* não tivesse ossos partidos.

Gostava da ideia de ter o *mzungu* na sua casa. Já tinha visto um, há coisa de dois ou três anos, quando atravessara a cidade e descera até à beira-mar. Em criança, frequentava a beira-mar, como toda a gente, mas nessa época não havia *mzungus*. Agora não tinha ninguém para tomar conta da loja e comprava a mercadoria a fornecedores com os quais lidava há muito tempo, por isso não precisava de andar a correr atrás de ninguém. Às vezes, por morte de um vizinho ou de uma figura notável, fechava a loja e juntava-se ao cortejo até ao cemitério. E durante o Ramadão era inútil ter a loja aberta durante as horas do dia em que ninguém saía de casa. Além do mais, desde a chegada de Malika, fechava a loja para o almoço e fazia uma pequena pausa à tarde. Tirando estas ocasiões, ou uma ou outra do mesmo género, a loja estava aberta todos os dias desde que ele voltava das orações da manhã até uma hora após o ocaso, e Hassanali raras vezes abandonava o seu posto ou a caixa do dinheiro, fosse por que motivo fosse. Tinha até treinado o corpo para obedecer àquele regime inflexível.

Estivera à beira-mar no dia da Idd. Aquando da festa, era costume todos os negócios fecharem, pelo menos durante uma parte do dia, e Hassanali dirigira-se à baía, como toda a gente, para assistir à anual corrida de barcos. Havia sido nessa ocasião que vira o *mzungu*, de pé no palanque coberto, por entre a aristocracia indiana. Era alto e tinha um aspecto corpulento no seu casaco verde, calças cremes e chapéu acolchoado, os tais de que já tinha ouvido falar mas nunca vira. Sabia que se tratava do homem que o sultão mandara vir de Zanzibar para gerir as plantações e que inesperadamente libertara os escravos e arruinara os proprietários rurais. Aquele *mzungu* estava muito distante quando Hassanali o vira, não passava de um casaco verde e de um chapéu, de uma personagem de uma história, mais do que uma pessoa real. O outro era seu hóspede e jazia na esteira onde tomavam as refeições, no seu pátio.

Ter hóspedes era sempre emocionante, sobretudo nos primeiros dias, em que se instalava um caos feliz e toda a gente se divertia.

Hassanali adorava ter hóspedes. Aquele, porém, pertencia a uma categoria à parte. Era um europeu, um *mzungu*. Que iriam eles fazer com um europeu? Onde iam instalá-lo? Devia ter deixado Hamza ficar com ele. Hamza tinha quartos vazios em sua casa, assim como dinheiro e mobiliário que garantiriam o conforto do *mzungu*. Hassanali tinha apenas dois quartos e teria de partilhar o seu com ele. A fazer fé no que se dizia acerca deles, o mais certo era que o europeu quisesse um quarto só para ele, ou até a casa toda. O que iram dar-lhe para comer? Como iriam comunicar com ele? Talvez fosse inglês ou alemão, ou italiano, porventura. Hassanali não sabia uma única palavra daquelas línguas. Porque haveria de saber? Era apenas um lojista numa pequena localidade nos confins da civilização. Talvez, cogitou, enquanto dispunha as sacas e os cestos na loja, devesse pedir a Hamza que fosse buscar o europeu, ou lá o que ele era. A ideia assenhoreou-se dele e o seu coração tímido bateu mais depressa. Devia mandar já um bilhete. Por favor, venha buscar o inglês. Não tenho espaço na minha humilde casa para um hóspede tão distinto. Mas depois as piadas que as pessoas iriam fazer às custas do bilhete. Troçariam dele e diriam que era um insensível e um sovina, que se oferecera com má vontade para acolher um estranho, ainda por cima ferido, quando na realidade tinha um tesouro escondido em casa, as sandices do costume. O pouco, muito pouco, que juntara e escondera certamente que não perfazia um tesouro.

E, de resto, fora ele quem vira o homem emergir da escuridão e o tomara por um espectro que a luz nascente desencaminhara. Havia sido ele que os olhos pardos e brumosos do homem tinham procurado e perseguido. Tinha sido o acaso divino que fizera com que as coisas se passassem daquela maneira, e Deus não deixava nada ao acaso. Aquele fardo estava-lhe destinado, talvez para o testar ou para o castigar ou para o ensaiar, segundo uma lógica que ele não entendia ainda. Como podia passar-lhe sequer pela cabeça recusar hospitalidade e ajuda ao homem ferido? Tendo-se convencido de que seria uma ofensa a Deus abdicar do europeu, Hassanali

sentiu o corpo entregar-se à emoção tranquila que sentira perante a ideia de ter o inglês em sua casa. Era como se tivesse adquirido um animal de estimação exótico do qual por pouco não abrisse mão, mas que em boa hora se impedira de o fazer.

O fluxo de clientes matutinos transcorria lentamente quando o Partepernas apareceu. Atravessou o corredor que separava a casa da loja e que servia também de armazém. Hassanali lançou-lhe rapidamente um olhar desconfiado, não fora dar-se o caso de ele ter rapinado qualquer coisa no corredor. Foi um olhar involuntário, habituado que estava a desconfiar dos demais. Estava sempre a ser roubado, por toda a gente. Quem é que lhe dissera que podia entrar por ali?

– Como está, Yahya? – cumprimentou Hassanali. Ninguém lhe chamava Partepernas na cara, a menos que conseguisse correr muito depressa ou não receasse uma fractura accidental. – Como está o nosso hóspede?

Partepernas era um homem corpulento e idoso, com uma barriga que protuberava sob a *kanzu*. Histórias acerca da sua força e do seu apetite por sexo na juventude faziam parte da lenda que o envolvia, e apesar da idade avançada não resistia a pavonear-se como um guerreiro heróico. O barrete justo, de algodão grosso, dava um ar mais severo aos seus traços faciais e à cabeça a aparência de uma bala de canhão. Fulminava toda a gente com o olhar e andava pela rua com os ombros puxados para trás, a barriga impelida para a frente e balançando os braços como um soldado, sem se dar conta da figura cómica que fazia. As pessoas tratavam-no por capitão para lhe agradecer. Quem se ria dele, contudo, fazia-o pelas costas ou a alguma distância, pelo menos, já que o endireita passava também por desvairado e perigoso. Vivia sozinho num rés-do-chão arrendado, num quarto com uma janela que abria para a rua e, muitas noites, quando vizinhos e transeuntes por ali passavam, ouviam-no dar gemidos angustiados e ruidosos, porém ninguém se atrevia a acordá-lo com medo dos seus ataques de cólera.

Contava-se entre os primeiros soldados baloches que o sultão de Zanzibar enviara para guardar as plantações. Por uma qualquer razão, os sultões da dinastia de Bu Said demonstravam uma predilecção por mercenários baloches, tendo-os usado desde o início da conquista da costa. Assim, quando o sultão Majid decidiu recuperar o território por trás daquela cidade longínqua do seu sultanato, enviou um contingente baloche para acompanhar os milhares de escravos que iriam trabalhar nas plantações. Foi nessas plantações que Partepernas se fizera endireita. Hassanali estremeceu ao pensar nos pobres escravos que teriam sido os seus primeiros doentes.

Os fregueses de Hassanali, que por aquela altura já estavam ao corrente da chegada do europeu, ficaram também para ouvir o diagnóstico do endireita. Hassanali viu os três magos – Hamza, Ali Kipara e Jumaane – abandonarem o café onde se tinham ido instalar, do outro lado do largo, mal se aperceberam da presença de Partepernas na sua loja. Queriam igualmente saber se os terríficos préstimos do endireita iam ser necessários.

– Capitão, é verdade que os ossos dos Europeus saram por eles mesmos? – perguntou a Partepernas um dos clientes, um jovem escanzelado que entregava mercadoria por toda a cidade a quem quer que lhe pagasse. Passava todas as manhãs pela loja para ir buscar o pedaço de tabaco de mascar que Hassanali lhe fornecia gratuitamente em troca da sua disponibilidade para um qualquer recado e porque sentia pena dele. O jovem não tinha família nem casa, tanto quanto Hassanali sabia. Tudo nele era frenético e nervoso: sorrisos crispados, risadas tresloucadas, graçolas obscenas. Demasiado haxixe, diziam as pessoas. Não obstante, havia sorrisos nos lábios de toda a gente, que já sabia, pelo tom da pergunta, que se seguiria uma qualquer insolência e que Partepernas por certo que perderia a paciência e armaria um banzé ou pior.

– Não digas disparates – respondeu Partepernas, num tom moderado, dando assim a entender que se tratava de um momento demasiado importante para cóleras histriónicas. – Quando muito,

o europeu tem os ossos fracos por causa do frio e da humidade no país dele, e porque come gordura de porco. Toda a gente sabe disso.

– Então, capitão, não terá dificuldade em partir e voltar a partir quando lhe aplicar o seu tratamento – disse o jovem, que se pôs a saltar e a grunhir, imitando os métodos cirúrgicos do endireita.

Partepernas fez um ar interessado e, por um momento, fulminou o jovem com o olhar. A seguir virou-se, sem pressa, quase com relutância, para Hassanali, que acabara de se dirigir a ele.

– Alguma fractura? – indagou Hassanali.

– Não, nenhuma – respondeu Partepernas, desapontado, enquanto abanava a cabeça perante uma notícia tão triste. – Umas contusões feias. Apliquei-lhe uma cataplasma no ombro e voltarei mais tarde para ver como está. Talvez fosse melhor mandá-lo para a cidade, entregá-lo aos cuidados dos árabes. Eles ocupar-se-ão dele até que venha um barco, ou então levam-no a um médico em Mombaça ou noutra sítio qualquer.

– Sim – concordou Hamza, que chegara mesmo a tempo de ouvir aquelas últimas recomendações. – Envia-o aos manda-chuvas na cidade. Não queres que lhe aconteça alguma coisa enquanto está em tua casa.

– É a última coisa que queres – reiterou Ali Kipara, e abanou o dedo para salientar a sua opinião.

– Deixemo-lo descansar primeiro – argumentou Hassanali, sem pressa de abrir mão do seu *mzungu*.

Mediu uma quarta parte de arroz para um pedaço de pano, atou-lhe as pontas com esmero e estendeu a pequena trouxa a Partepernas, que aceitou o seu pagamento sem nada dizer e atravessou a loja. Quando o jovem escanzelado se deu conta do que se estava a passar, já o endireita o tinha agarrado pelo colarinho e lhe torcia impiedosamente a orelha.

– Não tens maneiras, sua rameira sífilítica, filho de um selvagem e neto de uma béstia de quatro mamãs – rosnou ele, sem parar de torcer a orelha do jovem. – Não passas de um macaco, de um

babuíno sem miolos, de um cão sarnento. Quem pensas que és? — perguntou o endireita, e aplicou uma última torcedela desalmada na orelha do jovem. Depois, ao som de um coro de gargalhadas e de casquinadas convulsivas que tiraram o fôlego aos mais idosos, foi-se embora balançando os braços como um soldado na parada, e o jovem escanzelado ficou agarrado à orelha magoada a gritar injúrias e a chorar de raiva e humilhação.

Hassanali atendeu os seus fregueses e, depois de a azáfama e da conversa amainarem, as pessoas dispersaram rumo ao seu trabalho ou às suas casas. Sabia que os velhos sábios voltariam mais tarde, ainda durante a manhã, para se sentarem no banco que ele punha em frente à loja para eles, assim que o sol desaparecia atrás das casas ali perto. Depois, quando subia acima dos telhados, procuravam outra sombra ou regressavam ao café, ou iam para a mesquita e, ao final da tarde, reapareciam na loja. Pela fresca, a cavaqueira tornava-se mais amena, as histórias mais longas e mais antigas. Assim era, desde os tempos do seu pai. Os idosos iam-se sucedendo, iam e vinham arrastando os pés, ao sabor dos tempos, mas o banco estava sempre ali, e nunca lhe faltavam ocupantes.

Na calma após o bulício matutino, teve tempo para pensar no hóspede. Quando o homem acordasse, depois de ter descansado, Hassanali perguntar-lhe-ia se queria ser entregue aos árabes ou ao *mzungu* do Governo. Por enquanto, que descansasse. Nunca tinham tido um hóspede tão estranho e inesperado como aquele. Desde o seu casamento, há dois anos, a mãe de Malika vinha visitá-los de tempos em tempos e ficava sempre tempo demais. Também recebiam a tia Mariam, a irmã mais velha da sua mãe, de tantos em tantos meses, e acontecia a estada de ambas coincidir. Eram velhas amigas e fora esta amizade de longa data que levava a tia Mariam a negociar o casamento de Hassanali com Malika. Hassanali só teve de concordar com os termos do acordo de casamento e, pouco depois, a sua querida Malika aparecera. Podia ter sido pior, mas não fora. Um milagre.

Ao romper de mais uma manhã, Hassanali está a caminho da mesquita quando um forasteiro branco, vindo do deserto, desaba a seus pés. Hassanali decide ajudar aquele homem — um explorador e orientalista inglês de nome Martin Pearce — levando-o depois para casa de um oficial, seu conterrâneo. Quando Pearce regressa para agradecer a Hassanali por lhe ter salvado a vida, também conhece a irmã dele, Rehana, com quem viverá uma história de amor proibido. Décadas depois, numa Zanzibar em vésperas da turbulenta independência do poder colonial europeu, Jamila, a neta de Rehana, viverá com Amin uma história de amor em tudo semelhante, que desafiará a família, a moral e as convenções da sociedade.

Obra representativa do talento de Abdulrazak Gurnah, *O Desertor* evoca o complexo ambiente social, religioso e cultural da África Oriental na época colonial através de duas histórias de amor, separadas pelo tempo, mas unidas pelo seu desfecho, evidenciando o intrincado mosaico cultural de uma África ainda desconhecida.

«Uma proeza admirável... uma profunda investigação sobre a natureza do amor, da raça e do império.»




*San Francisco Chronicle*

«[Gurnah] é um escritor no máximo da sua forma, com um forte sentido da narrativa, um olho clínico para as dinâmicas familiares e uma total compreensão da psicologia corrosiva do colonialismo.»

*The Seattle Times*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
  penguinlivros

ISBN 9789896239084



9 789896 239084 >